

STEFFEN KRÜGER — UM OLHAR GERMANO-NÓRDICO SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS, AS INTERAÇÕES PSICOSSOCIAIS E AS CULTURAS DE TELA

Anderson Lopes da Silva[i]



Em meados de maio de 2020, quando eu me dispus a tentar contato via e-mail e da maneira mais formal possível com o professor alemão Steffen Krüger, usei “Dr. Krüger” o tempo todo na mensagem e tentei, em vão, chegar o mais próximo do que seria passar a imagem de um acadêmico sem informalidades, quase “frio” e interessado somente na vida acadêmica do meu entrevistado. Jamais imaginaria o quão singular é a trajetória da pessoa por trás dessa figura tão acessível e tão gentil que, muito brevemente, desmontou todo o cenário de formalidade que tentei construir tão ingenuamente. Ou seja, tentei conhecer Dr. Krüger e acabei conhecendo mais: descobri Steffen. Em nosso bate-papo, entendi que o

seu caminhar pelo mundo acadêmico (e, curiosamente, também na cena musical indie) me fez refletir em como os trajetos que pensamos já estar definidos para nossa vida profissional nem sempre são os que primeiro nos acenam como indiscutivelmente verdadeiros e inquestionáveis.

Mais do que compreender como foi se construindo a trilha de seus pensamentos envoltos em temas tão próprios como interações e mídias digitais, estudos psicossociais e a cultura das telas, essa entrevista também apresenta os descaminhos, o fortuito e o acaso como possíveis chaves de leitura para entender o desenvolvimento teórico e metodológico dos trabalhos de

Steffen Krüger. Atuando no Departamento de Mídia e Comunicação, da Universidade de Oslo (Universitetet i Oslo - UiO, Noruega), Krüger é hoje um dos idealizadores e o atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Culturas de Tela (Screen Cultures) que conta, no momento, com o curso de Mestrado na área.

Desde então, continuamos a conversar por chamadas de vídeo e tive o prazer de ser convidado por ele para discutir com seus alunos da disciplina de Políticas de Tela (Screen Politics), em outubro de 2020, um pouco do cenário midiático brasileiro. Tentando construir pontes em relação à cultura digital e ao avanço dos extremismos e

autoritarismos no nosso país, conversei com uma classe extremamente diversa e atenta à minha palestra *“Brazil above everything, God above everyone”: Theorizing Bolsonaroism, Excess, and Emotional Democracy in Digital Media*”. Assim, é sobre o papel das mídias digitais na contemporaneidade, leituras interdisciplinares no campo da comunicação, iniciativas como o Mestrado em Culturas de Tela e muitos outros assuntos que se interconectam no nosso diálogo que esta entrevista agora se debruça.

De onde você começou (na Universidade Livre de Berlim) até onde você se encontra agora (na Universidade de Oslo), como sua trajetória tem se moldado no mundo acadêmico? Em outras palavras, como você definiria sua trajetória de pesquisa, entre a Alemanha e a Noruega, dentro do campo dos estudos de comunicação e mídia?

Pergunta interessante e que me dá a oportunidade de reconstituir um pouco o que fiz ao longo da minha carreira até agora. Acontece que, durante os meus estudos, até ter terminado os meus cursos de nível básico eu quase não tinha encontrado nada que achasse envolvente e interessante em estudos de mídia e comunicação (não havia BA (bacharelado) ou MA (mestrado) do jeito que conhecemos quando estudei na Alemanha, apenas um “Magister”, que era algo como um MA ++, ou seja, como o primeiro grau que dividiu-se em duas partes: a parte “base” e a parte de “estudos principais”). Eu estava estudando Língua e Literatura Inglesa como minha outra disciplina e estava progredindo lá. Fora isso, eu estava em Berlim para tocar música indie com amigos que também se mudaram para lá ou que conhecemos na cena musical (eu tocava guitarra com muitas caixas de efeitos nos anos 2000 - muito pós-moderno -, comecei a tocar coisas do Hillbilly ... Em alemão. Você pode imaginar isso?! [risos]).

Meu encontro com os Estudos Ingleses veio com os cursos que Tobias Döring e Peter Steiger ofereceram no departamento de Língua e Literatura Inglesa da Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin). Naquela época (estamos falando de meados da

década de 1990), Steiger era um professor perto da aposentadoria, que usava os últimos períodos de sua vida profissional para oferecer cursos com temas que lhe interessavam mais. Foi aí que descobri os estudos pós-coloniais como algo que se podia estudar. Enquanto o resto do Departamento de Inglês da Universidade Livre de Berlim era bastante conservador, cursos como “Teatro Negro” e “Culturas do Carnaval” eram incríveis. Outro que me lembro vividamente era o curso de 4 horas na quinta-feira à noite com as atividades extras acerca de James Joyce. Esses cursos meio que me colocaram no lugar, e quando tive a chance de continuar meus estudos pós-coloniais na Universidade Queen Mary em Londres, em 1998, eu realmente tive a ideia de que esse seria um caminho de carreira para mim (ou melhor: que isso era algo que eu adoraria fazer toda a minha vida).

No entanto, quando voltei à Alemanha depois desse período no exterior e tive que pensar o que diabos eu deveria fazer com a parte de mídia e comunicações dos meus estudos, minha socialização pós-colonial me deu novos olhos para o que havia nesse campo. Consequentemente, com a base teórica crítica em que muitos teóricos e autores pós-coloniais que estudei se guiaram, de repente percebi que um dos professores do Instituto de Estudos de Comunicação e Mídia (Institut für publizistik-und Kommunikationswissenschaft), na Universidade Livre de Berlim, também investiu pesadamente neste campo: tratava-se de Hermann Haarmann. Ele tinha uma série de seminários abertos em andamento chamados “Debates sobre Teoria Cultural” que aconteciam no centro da cidade todas as segundas-feiras, às 14h, e eu adorei essas coisas: “Pensamento Estético” de Wolfgang Iser, Hans-Georg Gadamer, Odo Marquard, mas também a psicanálise em Freud, Lacan e suas aplicações políticas. Depois de ter recebido um curso intensivo sobre como os estudos pós-coloniais haviam evoluído da teoria crítica, eu agora estava atualizando os fundamentos freudiana e marxistas.

Quando eu terminei com meu “Magister” no início de 2000 (e, meu querido, eu estudei por muito, muito tempo e ainda tocava música à

noite), foi mais uma coincidência eu ter permanecido nos estudos de mídia em vez dos estudos ingleses ou estudos pós-coloniais. E, eu admito, foi uma coincidência também que eu tenha conseguido ficar na academia. Como nada havia se oferecido para mim nos cursos e departamentos de Inglês em Berlim, comecei a me candidatar a outros empregos e, quando precisei de uma carta de recomendação para um emprego em Frankfurt, fui falar com Hermann Haarmann novamente. Ele concordou em me escrever essa carta de recomendação, mas depois me perguntou espontaneamente se eu não gostaria de trabalhar para ele. Por acaso, ele tinha uma vaga para assistente de pesquisa e eu aceitei a oferta na hora. O trabalho foi uma bênção para mim, porque me deu acesso a estudiosos realmente brilhantes, uma biblioteca bem equipada e, assim, eu tive a oportunidade de desenvolver um projeto de doutorado ao lado do meu trabalho conjunto com Haarmann. Foi nessa época também que me pediram para assumir a docência e, embora não fosse bem remunerado, aproveitei para ganhar experiência (então, sim, me tornei cúmplice das estruturas neoliberais e vivi, nisso tempo, uma verdadeira existência berlinense da “geração de estagiários”).

Este foi um período que tive um pouco de tempo livre no Instituto de Estudos de Comunicação e Mídia, em Berlim, então pude organizar meus próprios cursos. Eu fiz um curso sobre Kurt Tucholsky, um famoso crítico cultural da época de Weimar (que teve que fugir da Alemanha já no final dos anos 1920 por causa de suas críticas em relação ao despertar do espírito militar no país), um curso sobre “imagens e mídia”, um sobre propaganda e teorias dos efeitos da mídia e sobre propaganda e mito desde uma perspectiva construcionista. Eu realmente me diverti nesses anos (meados dos anos 2000), montando esses cursos e ainda tocando música ao mesmo tempo. Eu me lembro que, depois de ter feito uma turnê com uma pequena banda na semana anterior ao início do semestre, alguns dos alunos que iriam fazer meu curso haviam estado em um show na Baviera alguns dias antes. Eles estavam muito assustados e confusos...[risos].

Como tópico de meu doutorado, eu encontrei um tema histórico: as obras do historiador da arte, psicanalista e — no contexto da 2ª Guerra Mundial — pesquisador de propaganda chamado Ernst Kris. Uma colega próxima, Uta Beiküfner (que morreu tragicamente alguns anos atrás), me aconselhou a examinar a obra de Kris e, mesmo que isso fosse menos progressivo do que os escritos sobre arte dos membros da Escola de Frankfurt (com quem Kris então conversou nas mesmas comissões no exílio nos Estados Unidos), este era um material muito fascinante. Em minha tese, acompanhei o desenvolvimento dos escritos teóricos de Kris desde a história da arte até os estudos psicanalíticos da psicologia da arte, por meio dos escritos sobre propaganda alemã (que Kris, após ter fugido da Áustria em 1938, analisou como parte do esforço de guerra dos Aliados em Reino Unido e, a partir de 1940, nos EUA) até os últimos trabalhos em teoria psicanalítica, com foco em seu interesse contínuo em propaganda e comunicação persuasiva. Além disso, enquanto os estudos pós-coloniais saíram um pouco de cena, a tese me ajudou a preparar o terreno para meu trabalho atual entre a mídia digital e os estudos psicossociais.

E essa correlação entre os trabalhos de Ernst Kris e os estudos de mídia e comunicação foi gestada como?

Para entender a maneira como Kris usou o pensamento psicanalítico e estético em seu trabalho de pesquisa de propaganda — especialmente, na New School for Social Research em Nova York (que realmente foi o berço dos estudos de mídia e comunicação como uma disciplina, com pessoas como Laswell e Lazarsfeld [e Kris] preparando este terreno), eu precisava seriamente ler sobre psicanálise. Ainda me lembro que, no caminho de volta para casa depois de comprar as obras de Freud, carregando um monte de livros comigo, fui parado por um homem na rua que ficou extremamente provocado com minha compra ao ver os livros de Freud: ele ficou irritado com o fato de que alguém ainda iria quisesse ler Freud na atualidade. Isso tornou a psicanálise ainda mais interessante para mim - como um conhecimento abjeto, tabu e que, de certa forma, certamente ainda o é. A psicanálise já havia

percorrido todas as minhas leituras de estudos pós-coloniais (em Fanon, Spivak, Bhabha e as obras posteriores de Stuart Hall, por exemplo), mas nunca havia percebido o quão oposicionista era esse ramo do conhecimento. E é claro: isso foi apenas logo após o 11 de setembro e ninguém podia prever o que estava se formando no horizonte e o quão odiado algo como "marxismo cultural" se tornaria na imaginação de algumas pessoas...

Na época em que defendi minha tese de doutorado, eu já tinha me mudado para Oslo, Noruega, com minha namorada norueguesa (não foi uma mudança de carreira: eu vim sem um trabalho ou um plano, na verdade). Eu estava profundamente imbuído do pensamento psicanalítico em uma esfera cultural sobre a qual eu queria continuar com um tipo de trabalho “psicanalítico aplicado” nos estudos de mídia. No entanto, eu queria fazer esse trabalho sozinho e não apenas estudar as histórias de pensamento de outras pessoas. Mas, novamente, devo confessar que mal tinha a menor ideia sobre o que existia lá naquela época (ou seja, em 2009 e 2010). Embora eu fosse intimamente afiliado ao jornal *American Imago* e ao seu então editor Louis Rose, que agora é o chefe dos Arquivos Sigmund Freud, eu não tinha a menor ideia sobre a existência de estudos psicossociais no Reino Unido, nem tinha conhecimento das tradições alemãs do pensamento psicanalítico e/ou cultural-analítico. Na Noruega, dificilmente parecia haver uma vaga para um não psicanalista com minha mistura de interesses (embora, em retrospectiva, eu perceba que apenas basta um determinado tempo aqui para encontrar e chegar às pessoas certas: por exemplo, agora estou feliz em colaborar com Helene Aarseth, chefe do Departamento de Estudos de Gênero da Universidade de Oslo (UiO), Erik Stänicke, do Departamento de Psicologia, e Tonya Madsen, psicanalista com cargo de pesquisadora no Centro de Psicologia Infantil e Juvenil. Mas quando eu era novo no país, foi bastante frustrante. Lembro-me de ter entrado em contato com várias pessoas no Departamento de Mídia e Comunicação, onde estou empregado agora na UiO, e ter ganhado uma série de olhares vazios como resposta à minha formação acadêmica.

Mais uma vez, foi uma coincidência que me colocou em meu novo caminho: completamente por acaso, durante uma curta estada em Berlim, reencontrei uma antiga colega minha, Melanie Kranz, no metrô. Nos 20 anos em que não nos víamos, ela havia se tornado psicoterapeuta com consultório em Bremen e quando eu lhe disse sobre o que me interessava nos meus estudos, ela me falou: “Ah, você quer dizer a tradição Lorenzer?”. E eu já tinha ouvido falar de Alfred Lorenzer antes e visto alguns de seus livros por aí, mas nunca tinha prestado muita atenção.

Dali em diante, descobri que ele foi basicamente o pai fundador da tradição alemã do pós-guerra nos estudos psicossociais. Bremen foi um dos hotspots, um ponto crucial dessa tradição, pois Lorenzer foi professor lá por um tempo no início dos anos 1970, antes de se mudar para Frankfurt (aliás, cidade esta que já havia se tornado o outro hotspot também por causa de Alexander e Margarete Mitscherlich, que trabalharam juntos com Jürgen Habermas). Ah, e por falar nisso, a Universidade de Bremen conseguiu manter um pouco dessa tradição que está muito ligada a Birgit Volmerg e Thomas Leithäuser. A influência dessa tradição também pode ser rastreada na pesquisa de mediatização, onde se encontra a atípica referência a Lorenzer nos escritos de Friedrich Krotz. Além disso, quando Couldry e Hepp baseiam sua obra “The Mediated Construction of Reality” em Norbert Elias, isso os aproxima também desta tradição psicossocial alemã. Em Frankfurt, é claro, ainda existe o Instituto Sigmund Freud, que na década de 1920, creio eu, funcionava junto com o Instituto de Pesquisa Social, então dirigido por Horkheimer. Meu trabalho é inspirado na tensão produtiva entre esses polos, institutos e a nova geração de pessoas que trabalham nessas tradições como Vera King, Benigna Gerisch e Hartmut Rosa, por exemplo.

Como foi o processo de adaptação à vida e ao trabalho acadêmico em Oslo? Encontrou mais facilidade ou dificuldade vindo de um cenário de trabalhos e estudos na Alemanha que, como você mesmo comentou, sempre foi muito interdisciplinar?

Em Oslo, por sua vez, fui lentamente apresentado ao cenário dos estudos

psicossociais britânicos por meio do grupo de estudos “Psicanálise e Política”, um conjunto mais livre de analistas, terapeutas, ativistas e acadêmicos liderados por Lene Auestad e Jonathan Davidoff. Este grupo fazia parte da Nordic Summer University (um programa de intercâmbio acadêmico de acesso aberto que é realmente ótimo para acadêmicos em início de carreira ou “início de carreira, mas nem tanto assim” como era a minha situação quando cheguei por lá (<http://nordic.university>). Eles tinham uma reunião de uma semana como parte do programa a cada verão e um simpósio mais curto de dois dias no inverno. Essas reuniões são bem pouco hierárquicas: cada apresentador tem o mesmo tempo (45 minutos) e todos devem estar presentes durante as apresentações dos outros. Eu conheci alguns pensadores psicanalíticos / psicossociais muito, muito inteligentes lá: Karl Figlio e Stina Lions, Paul Hoggett, Steven Frosh, Joanna Kellond.

Com Karl Figlio e Barry Richard, eu continuaria a pareceria e montaria o volume *Fomenting Political Violence* (2018). E foi Figlio também quem me apresentou a pessoas nos estudos psicossociais do Reino Unido, como Peter Redman, Sasha Roseneil, Lynn Froggett e Wendy Hollway. A maioria deles eram ou haviam sido membros de outro grupo de estudos psicossociais, o grupo Squid, que se reúne uma vez por ano em Dubrovnik para fazer grupos de interpretação psicossocial juntos, discutindo os materiais de pesquisa uns dos outros (<https://psycho-societal.org/>). Eu estive lá em 2014 pela primeira vez, eu acho, e desde então me tornei parte do comitê de direção, junto com Birgitta Haga Gripsrud da Stavanger University e Dion Rüsselbæk da University of Southern Denmark.

Eu consegui sobreviver em Oslo por um longo tempo trabalhando como assistente social em psiquiatria (2009-2014), enquanto estava sentado em uma mesa no escritório dos pesquisadores convidados no IMK nas manhãs, tentando publicar artigos e escrevendo pedidos de financiamento para uma posição de pós-doutorado. Em 2012, também comecei a lecionar no IMK e em faculdades da capital norueguesa (um dos meus primeiros trabalhos de ensino foi História da Mídia

Norueguesa no primeiro período de bacharelado e falando em norueguês — que desastre!) Pouco antes do Natal de 2013, uma dessas inscrições que eu havia feito foi respondida e eu recebi uma bolsa de longo prazo (quatro anos) do Conselho de Pesquisa Norueguês, para um projeto que aplicou ideias psicanalíticas e o método de “compreensão cênica” de Alfred Lorenzer para mídia digital - especificamente para subculturas digitais e culturas de debate político (extremista) no universo online. Foi um projeto assustadoramente ambicioso e ainda sinto que não fiz justiça a ele, mas me entreguei a ele e foi realmente bastante produtivo (e, acho, foi esse trabalho que chamou sua atenção: isso me deixa orgulhoso!).

Durante o projeto, entrei em contato com muitas das pessoas com quem trabalho agora: Vera King, que é a chefe do Instituto Sigmund Freud, em Frankfurt; Helmut Lethen, que chefiou o Instituto de Estudos Culturais (IFK), em Viena; Barry Richard, que é professor de psicologia política em Bournemouth (Reino Unido). Uma mudança muito importante no IMK aconteceu quando Tim Vermeulen entrou como professor associado. Ele trouxe consigo uma compreensão dos estudos de mídia que é extremamente variada e alimentada por muitas fontes: filosofia, teoria da arte, teoria crítica, estudos culturais britânicos, estudos de cinema e televisão. Quando ele se juntou ao IMK em 2017, sua maneira de fazer estudos de mídia de alguma forma reformulou as concepções das pessoas sobre o que estava “acontecendo” e sendo “feito” no Departamento (ou seja, o que pertencia ao IMK e o que não deveria ser parte dele). Nesse processo, meu trabalho se deslocou mais para o centro do IMK, sem que eu mudasse nada no foco das pesquisas. Tim e eu rapidamente descobrimos que gostávamos e podíamos trabalhar um com o outro. Quando Tim começou a trabalhar no conceito de Culturas de Tela (*Screen Cultures*) com Jon Inge Faldalen, outro estudioso de cinema muito talentoso do nosso departamento, tornou-se apenas uma questão de tempo até que eles conseguissem me fisgar também na ideia. Eu estava cético no início, mas o que é produtivo sobre o conceito de Culturas de Tela é que ele é amplo o suficiente para reunir todos os tipos de novos (e antigos)

desenvolvimentos de mídia sob seu guarda-chuva. O denominador comum é que a relação entre as Telas e as Culturas é quase tautológica hoje - porque, em quase todos os lugares do mundo, onde quer que você possa pensar sobre cultura, haverá uma tela envolvida agora. E mesmo onde não houver tela, sua ausência será tão significativa que o fenômeno voltará a cair no reino das culturas de tela ... Então, embora o plano original fosse me dar um papel menor no projeto - para trabalhar, digamos, com o programa de mestrado a partir da disciplina de Políticas de Tela (*Screen Politics*) - logo após o início do período do projeto e alguns meses antes da chegada dos primeiros alunos, eu estava nomeado chefe do programa. É uma grande honra, devo dizer, e estou fazendo o possível para cumpri-la.

Eu percebi que alguns dos seus trabalhos transitam de maneira muito fluida pelo campo da mídia e cultura digital, dos estudos psicossociais e pela análise do discurso. De maneira específica, de onde vem o seu interesse pelo estudo das mídias digitais?

Enquanto eu estava trabalhando na minha tese de doutorado — aproximadamente entre meados dos anos 2000 até 2009/2010 (de novo, eu precisei de um pouco mais de tempo do que apenas os três anos prescritos, mas eu não importo muito com isso, não: coisas boas levam tempo para serem feitas) —, o mundo sofreu uma reviravolta de paradigma guiado pelo relevante papel que o digital tem na economia política (os trabalhos de Jodi Dean trazem uma perspectiva bem informativa e crítica sobre esse assunto). Exemplos dessa mudança podiam ser vistos em plataformas como MySpace, YouTube, Facebook e, depois, também com o avanço da mobilidade por meio do Instagram, Twitter, Snapchat etc. O que o psicanalista austríaco Ernst Kris — o “objeto de pesquisa” do meu doutorado — fez depois de se mudar para a Inglaterra em 1938, foi fundar um centro especial de análise de propaganda no Ministério da Informação britânico. Neste espaço, todos os dias, eles examinaram minuciosamente toneladas de produções radiofônicas alemãs para produzir um relatório semanal e, assim, entender a comunicação persuasiva com base na abordagem

psicanalítica (algo que pode ser capturado na questão sobre qual é a interação que deve ser provocada por uma determinada rede de comunicações [ou seja, o que os alemães disseram ao seu próprio povo, o que eles transmitiram aos seus inimigos e o que falavam aos seus aliados]).

Embora o objetivo primeiro desse tipo de análise era destinado a prover uma sensação de agenciamento perdido pelos britânicos durante os cinco anos da *German Blitz*, ainda assim, tal análise trouxe um estudo em profundidade sobre como era a vida sob o regime nazista. Esse método me fascinou porque, ao que tudo indica, ele foi gestado e preparado nos estudos psicológicos sobre caricaturas que Kris conduziu conjuntamente com o então jovem Ernst Gombrich (e vale lembrar que são estes estudos que deram o início da carreira de Gombrich na teoria e história da arte). A ideia metodológica é muito simples: tentar condensar o máximo de material possível para criar uma impressão da estrutura de desejo destas produções e seus (parcialmente inconscientes) impulsos, direcionamentos e objetivos.

Agora, voltando à questão das mídias digitais, mesmo que eu definitivamente não estivesse envolvido em um contexto de esforço de guerra (esse sentimento tem crescido um pouco durante os últimos anos, eu receio), meu interesse ali era transpor as ideias de Kris de um método (crítico) textual-analítico voltado para combinar análise e interpretação dos conteúdos e discursos midiáticos com uma leitura analítica (possivelmente mais especulativa) dos efeitos dessa nova, crescente, íntima e implacável ecologia da mídia com o objetivo de descobrir algo sobre o atual “regime” cultural. (E, como eu mencionei anteriormente, eu já tinha feito algumas leituras sobre construcionismo, mito e publicidade, ou seja, já estava “equipado” com toda a “negatividade” da Escola de Frankfurt na minha relação com as Indústrias Culturais em autores como Adorno e Hesmondhalgh. Mas, novamente, como você sabe, minha atitude nunca foi extremamente dogmática: parece que, às vezes, acabo em uma posição de pessimismo construtivo...).

Alguns de seus trabalhos acabam por estabelecer o tema da interface entre os usos, o consumo e as formas de interação online como a sua perspectiva de pesquisa. Como você entende a questão dos usos e interações para além do espaço virtual, isto é, é possível estender algumas das suas reflexões a partir do continuum entre os ambientes online e offline?

Claro, sempre vai existir o problema da ironia em tudo que fizermos na e com as mídias. Mas, como muitos outros pesquisadores da mídia, eu tenho adotado a reflexão de Slavoj Žižek sobre ironia e ideologia. A ideologia não está tanto no que entendemos, ou pensamos que entendemos, mas no que acabamos fazendo; a esse respeito, a ironia torna-se o lubrificante para um consumo acriticamente precário. Você assiste a algum reality show “trash” e ri da falta de vergonha ou preocupação das pessoas ali expostas e fica se perguntado se provavelmente seria capaz de fornecer um relato detalhado de tudo o que há de errado com esse programa. Porém, no final das contas, seu conhecimento irônico e cool não o fez desligar a TV ou se voltar para ver outra coisa, mas sim tornou possível que você assistisse aquele programa apesar de tudo.

São estas formas paradoxais de interação, com a mídia, por meio da mídia e de uns com os outros, que considero formadoras de nossa subjetividade e de nossas relações com a alteridade - dentro e fora dessas mídias. Minha preocupação (mas também: fascínio [e, a esse respeito: Não sou de forma alguma melhor do que o fictício telespectador de reality show que acabei de evocar]) é que essa libertação da obrigação e do compromisso que a ironia parece possibilitar - e que apenas realmente faz sentido quando avaliado no contexto do consumo e da cultura da mercadoria - torna-se um aspecto central do nosso Zeitgeist.

Para oferecer uma resposta mais direta: meu palpite é que a mídia digital é um campo de treinamento para atitudes sociais e formas concretas de subjetividade que levamos conosco para todos os outros campos sociais, e precisamos ter cuidado para que consigamos vê-las e sermos capazes de expressá-las e articulá-las de modo

a poder canalizá-las para a construção de relações não violentas

Em 2019, a Faculdade de Humanidades da Universidade de Oslo (UiO) começou, de forma ainda mais incisiva, a destacar o campo dos estudos sobre mídias digitais por meio de iniciativas como o Programa de Pós-Graduação em Culturas de Tela (*Screen Cultures*) dentro do Departamento de Mídia e Comunicação (Institutt for medier og kommunikasjon, IMK). Do que se trata especificamente este projeto de pesquisa e atuação voltado às Culturas de Tela? Quais são as iniciativas empreendidas nesta iniciativa?

Vou começar do ponto banal em que a ideia sobre Culturas de Tela (*Screen Cultures*) nasceu, especificamente — e de forma bastante desencantadora —, a partir de um contexto sobre incentivo financeiro. A Faculdade de Humanidades publicou um convite ao financiamento de iniciativas interdisciplinares (e interdepartamentais) propostas pelos seus vários institutos. Isso foi durante meus anos como pós-doutorando; e nós nos sentamos juntos e discutimos possíveis ideias para tentar concorrer a este financiamento. Quando a ideia sobre Culturas de Tela foi sugerida, não fiquei convencido a princípio: achei o tema muito amplo, que talvez não indicasse que se tratava de um tema de vanguarda ou que fosse muito conservador (achei que seria mais interessante tentar aprofundar o que está acontecendo por trás da tela, o que ainda acho que é verdade, porém, o programa de Culturas de Tela também está fazendo isso agora). Mas quanto mais eu pensava em quantos interesses diversos esse rótulo “Culturas de Tela” poderia abrigar, mais eu comecei a gostar do conceito (o IMK é o lar de acadêmicos de humanidades, bem como cientistas sociais; temos estudiosos de cinema e televisão, acadêmicos de mídia digital, pessoas que trabalham com comunicação política, jornalismo e notícias, estética da mídia; há interesse em história e filosofia da mídia, e há pessoas como eu que abrangem uma gama de disciplinas e interesses).

O que eu acho mais fascinante sobre isso é como a ideia por trás do nome

é atual sem ser excessivamente complicada: Culturas de Tela simplesmente significa que as telas (e isso abrange superfície, interface e subface) devem ser vistas como formadoras de cultura e a cultura como algo que é basicamente mediado (e também mediatizado) por telas. Este é um excelente ponto de partida para um trabalho muito interessante que agora está sendo feito como parte da iniciativa. Taina Bucher, por exemplo, acaba de terminar o manuscrito para um (outro) estudo crítico sobre o Facebook; Tim Vermeulen está trabalhando nas várias técnicas de previsão e planejamento de cenários futuros; Pasi Väliho está trabalhando na história cultural das projeções [audiovisuais]. Trine Syvertsen, que também faz parte da rede de pesquisadores sobre Culturas de Tela, lidera um projeto de desintoxicação digital. Acho este trabalho analítico crítico fascinante e satisfatório, até porque me dá orientação no mundo. Quer dizer, um livro no Facebook pode não ser a peça mais importante da literatura dos nossos dias, mas nos oferece uma compreensão de um aspecto vitalmente relevante da cultura da mídia contemporânea. E se entendermos esse aspecto e como ele impacta nossa vida cotidiana, perderemos nossa ingenuidade em nossas interações com ele. (Mais uma vez, isso não resolve o problema do uso irônico [e, portanto, continuado], mas pode muito bem mudar nosso uso completamente e, com ele, nossa política em relação a ele).

Nas perspectivas colocadas em ação na agenda de pesquisa sobre Culturas de Tela, como você e seus colegas de pesquisa pensam os processos e os aspectos políticos da digitalização contemporânea? E, de uma forma peculiar, como você compreende as conexões entre temas como extrema-direita, radicalização, a existência de governos autoritários e os processos de criação de discursos políticos na cultura digital (como podemos ver, por exemplo, no caso de algumas nações como Brasil, Polônia, Hungria e Filipinas)?

Há muitas perguntas diferentes aqui. Claro que estamos perfeitamente cientes das dimensões políticas — e particularmente dos problemas políticos — que a digitalização e a mídia digital criam. Se há algo que se

aproxime do que eu considero uma “grande narrativa”, esse algo está na inserção digital (Web 2.0) no hipercapitalismo, começando com a extração de matérias-primas, a exploração dura de trabalho em países em desenvolvimento, as trocas de serviço coercitivas inclinadas para a coleta de dados pessoais em democracias ocidentais e a flexibilidade ideológica em relação a líderes e sistemas autoritários (como no caso atual de Zoom nas negociações com o governo chinês, ou as convulsões nauseantes de Marc Zuckerberg para evitar os ataques de Trump).

Acho que a relação entre a Internet e a mídia digital, de um lado, e a extrema-direita e os novos extremismos (deixando de fora os governos autoritários por enquanto), do outro, é indireta. Na minha opinião, a abordagem mais plausível para compreender esse renascimento extremista é a experiência da anomia. Consequentemente, embora coisas como classe, raça, gênero, orientações sexuais etc. ainda existam, a noção de anomia oferece uma compreensão das raízes (do novo) extremismo que compartilha um terreno comum com teorias de racismo, antagonismo de classe, discriminação de gênero etc., mas também permite dar conta dos efeitos contraditórios do globalismo e do nosso estágio atual do capitalismo, que tende a tornar os indivíduos responsáveis por seus sucessos e fracassos.

O que acho interessante sobre, digamos, a atual “constelação” da Internet é que ela também sugere essa ideia de anomia na oposição entre, por um lado, os serviços clássicos da Web 2.0 e o 4chan, por exemplo. Quer dizer, enquanto a Web 2.0 aposta em dados gerados pelo usuário, colhe conexões pessoais e permite que os usuários se conectem uns com os outros e gerem todos os tipos de capitais para si próprios, uns para os outros e para a plataforma, do outro lado, temos o 4chan e todos os tipos de páginas de fóruns anônimos como esse “lado negro” contrário ao mundo dos negócios mais “limpinhos” com suas “curtidas” e “compartilhamentos” de coisas fofas e amigáveis aos negócios - o anti-Instagram, por assim dizer - a Deep Web Vernacular, como Marc Tuters a chamou com elegância.

Ambos os designs são altamente performativos: de um lado você desempenha sua atratividade, de outro sua falta de atratividade, de um lado o seu valor de mercado, de outro sua total inaceitabilidade para aquele tipo de mercado, de um lado você apresenta o acesso, de outro a inacessibilidade.

Meu palpite é que o novo extremismo é (entre outras coisas) uma celebração da própria percepção de uma existência cheia de obstáculos e de falta de acesso. Um sentimento de ser uma segunda escolha, de não benquisto, não desejado e não útil que se repete e tenta passar para os outros, ao longo de falas como: “Se eu não o tenho, os outros também não devem ter”. Acredito que, embora essa dinâmica se espalhe nas democracias de estilo ocidental, os estados mais autoritários podem tirar proveito dessas tecnologias para o que já estabeleceram com base em uma atmosfera ou “ressentimento” — por exemplo, incorporar uma já dura competição individual em sistemas de verificação social, aumentar o controle sobre seus cidadãos por meio de acumulação e análise de dados, monitorar atividades em partes da rede com base nas conexões e metadados dos usuários e, por fim, aferir constantemente a opinião pública por meio de análises de sentimento.

Há um outro ponto de grande interesse nos seus trabalhos que diz respeito ao papel dos afetos, das emoções e dos sentimentos na construção e disputa de sentidos envolvidos nos processos de digitalização da política nas redes sociais e em outras plataformas. Partindo da sua abordagem voltada ao campo dos estudos psicossociais, como você concebe a relação entre estas complexas subjetividades presentes na cultura digital?

Meu ponto de partida é realmente a psicanálise - e a existência de um inconsciente - e as tentativas (às vezes fecundas, às vezes fúteis) de extrapolar esse conhecimento e transpô-lo para a interpretação do social. Portanto, em última análise, estou sempre interessado naquilo de que não temos consciência em nossas ações, e esse é um conhecimento que vejo como fundamentalmente relacional e que

habita o corpo. E uma vez que existem fortes emoções e sentimentos envolvidos - medo e ansiedade, agressão e raiva, desejo, luxúria, ganância. E, uma vez que muitas vezes não somos capazes e/ou dispostos a reconhecer esses sentimentos e impulsos, esses empurrões e puxões inconscientes têm uma eficácia sociocultural extremamente forte.

Afeto também é um conceito interessante que tem recebido muita atenção nos últimos 10 anos ou mais, e estou fascinado por ele, mas em algum momento percebi que era mais um fenômeno secundário para mim. Todos os tipos de mídia, e particularmente as plataformas digitais, lidam com afeto e com fluxos constantes de cargas afetivas - você pode aplicar a isso todo o conjunto de ideias de Deleuze e Guattari sobre questões como intensidades, linhas de fuga, desterritorializações e reterritorializações para ter ainda mais conceitos à mão. Mas estou mais fascinado em compreender como essas reterritorializações estão ocorrendo e sendo tratadas no nível subjetivo: Onde surgem os conflitos e as contradições? E como eles estão sendo tratados? O que está sendo excluído e negado? Onde está a diversão e a fruição? O que está sendo recalcado? O que o modo como isso é recalcado e acaba voltando para nós diz sobre nossa situação sociopolítica? Enfim, há algo que ainda permanece bem atraente, sexy e sedutor para mim nessas questões (e sim, o componente libidinal em fazer pesquisas nunca deve ser esquecido: há tantas pesquisas por aí que tentam reprimir sua sexualidade e isso é uma pena porque também provoca a privação de seu 'desejo de saber').

Torna-se impossível não mencionar a pandemia de covid-19 que afeta o mundo como um todo e, portanto, também os espaços de pesquisa e trabalho nas universidades. Como você vê o impacto da digitalização da vida acadêmica (possivelmente) também após o fim da pandemia. Quero dizer, como o trabalho em rede (com diferentes instituições e países, por exemplo) pode redesenhar a experiência de parcerias entre pesquisas e pesquisadores do Norte e Sul Global?

Sim, este é uma ótima reflexão a se

pensar: se há algo a se tirar da experiência e das “sabedorias” das telas que todos nós parecemos ter adquirido, é que podemos fazer muito mais junto com pessoas que não estão no mesmo instituto, não na mesma cidade, mesmo país ou no mesmo continente. Irei lecionar de forma híbrida no outono, oferecendo aos alunos do programa de Culturas de Tela um misto de aula presencial e, ao mesmo tempo, aula online (farei algumas sessões com colegas professores que também entrarão via o link de vídeo). Então, sim, é uma faca de dois gumes: o que nos liga cada vez mais a uma ética de trabalho sempre ativa, borrando as fronteiras entre trabalho e tempo livre, também nos abre muito mais conexões e facilita o acesso a novos potenciais criativos.

No entanto, embora as novas conexões pareçam ser feitas facilmente, é decisivamente mais difícil estabelecê-las institucionalmente. Já tenho dificuldade em conseguir que colegas convidados do instituto vizinho (do mesmo corpo docente) sejam corretamente remunerados por uma palestra que eles ministram em meu curso. Assim, embora agora pareçamos ter a infraestrutura técnica e o *know-how* para fazer essas conexões, ainda há muitos percalços burocráticos pesados a serem empurrados para fora do caminho... Mas, novamente, sempre podemos tentar. Perguntado diretamente: Você gostaria de lecionar por uma hora no meu curso de Políticas de Tela (*Screen Politics*) no próximo semestre do curso de Culturas de Tela? (Temos que começar de algum lugar, certo?).

Nós temos ouvido no Hemisfério Sul, por um tempo considerável e com alguma frequência, muitas discussões sobre o campo teórico da midiaticização (com ênfase em autores europeus como Stig Hjarvard, Marko Ampuja, Andreas Hepp, Nico Carpentier, Nick Couldry e outros centros acadêmicos como o Nordicom). Mudando os polos: o que vocês (como pesquisadores europeus) têm ouvido sobre a pesquisa e o campo de trabalho teórico-metodológico dos estudos de comunicação e mídia latino-americanos?

Eu posso ver aonde essa questão vai nos levar (risos)! Claro, de tantas

maneiras a divisão e o desequilíbrio (com o Sul tendo que olhar e se adaptar ao Norte, o Leste ao Oeste) a que você está aludindo aqui (e construindo um pouco na sua seleção de pesquisadores) ainda existe, sim. Grande parte da pesquisa de mídia e comunicação é muito centrada no Ocidente e em perspectiva Europeia e Anglo-Americana. E, não, eu não tenho a capacidade de citar um grande grupo de pesquisadores do hemisfério Sul para poder compará-los com o ilustre grupo de pesquisadores de mídia que você reúne na pergunta como representantes do meu hemisfério. Paulo Freire era de São Paulo, não era? Além disso, há outro pensador realmente interessante na Universidade de São Paulo: Julio Cesar Lemes de Castro, que publicou um bom material sobre fetichismo, discurso e capitalismo na *American Imago* há algum tempo. Então, esses, mais Martin-Barbero e os outros que você menciona abaixo fariam uma lista realmente muito boa, eu acho! Eu estaria realmente interessado em ler mais sobre as abordagens latino-americanas da mídia e da comunicação, e especialmente do digital, mas na verdade estaria igualmente interessado em ler sobre a psicanálise e, o mais importante, a tradição psicossocial na América Latina. Eu realmente me sinto atraído pela tradição de Freire e gostaria que meu próprio trabalho fosse uma contribuição para isso de alguma forma.

E isso me leva ao ponto que quero fazer aqui: embora aprecie todos os homens (onde estão as mulheres em nossas listas??) que você mencionou acima, não me sinto particularmente próximo com a maioria deles em meu trabalho. Além disso, a esfera deles não é de forma alguma uma esfera na qual eu seria capaz de me mover ou até mesmo ter acesso. Quer dizer, Niko Carpentier faz coisas muito interessantes e ele foi muito gentil em ajudar Jacob Johanssen e eu quando estávamos procurando por um jornal sólido para uma edição especial sobre Psicanálise e o digital (ele nos indicou o periódico “Comunicação e Mídia” que, de fato, aceitou nossa oferta: <https://aseestant.ceon.rs/index.php/comman/issue/view/467>). E Nick Couldry está, obviamente, na frente e no centro para todos os interessados em estudos de mídia

com uma tendência cultural. No entanto, também sou um cara interdisciplinar demais para me deixar levar pela ideia de midiatização, por exemplo (que eu acho boa, mas também bastante óbvia) e estou muito interessado em coisas que se entrelaçam entre grupos próximos de pesquisadores relacionados.

Portanto, venho tentando reunir minha própria tradição de uma forma muito eclética, mas sempre com um interesse psicanalítico em segundo plano. Recentemente, também consegui retornar aos estudos pós-coloniais, com um artigo (Facing Fanon, 2017) sobre a franquia *Grand Theft Auto* (GTA) a partir do prisma da série de filmes *Finding Fanon* dos artistas Larry Achiampong e David Blandy. Quando trabalhei no artigo, os editores da edição especial me indicaram David J. Leonard, um estudioso especializado em raça, mídia e, principalmente, videogames. Que pesquisador! E eu não o conhecia antes. Mas é assim que venho coletando as obras e estudiosos que me são importantes: me aventurando ingenuamente, mas sempre com positividade e abertura, em novas áreas e campos.

E o problema com essas divisões vai ainda mais longe: para mim, como um alemão que não fala inglês, e como alguém que muitas vezes não é muito sistemático com seus interesses, tem sido um grande desafio ter minha voz ouvida em qualquer dos campos dominados pelos anglo-americanos dos quais estou participando. A esse respeito, meu recente retorno à publicação de algumas de minhas pesquisas em alemão foi um grande alívio, porque a academia alemã ainda está fazendo suas próprias coisas. Então, meu ponto é: esses grupos e afiliações que podem parecer bastante homogêneos do lado de fora são muitas vezes heterogêneos, conflitantes e combativos. E essas batalhas tiram muita energia e atenção dos campos e tradições vizinhos aos quais devemos prestar mais atenção. Meu apelo é: vamos chamar a atenção uns dos outros em campos, disciplinas e continentes diferentes e informar uns aos outros

sobre nossas respectivas abordagens e pontos de vista, nossas experiências e crenças. Para fazer isso, precisaremos de lugares para nos encontrar e trocar, como você sinalizou na sua pergunta sobre o cenário acadêmico pós-Corona. Precisamos de tempo e financiamentos para fazer isso e alguma disposição também — não apenas de nós mesmos, mas dos departamentos que pagam nossos salários. Agora que temos uma conexão: vamos tentar construir!

Finalmente, no Brasil e na América Latina de forma mais geral, temos uma tradição de pesquisa que compreende as esferas da vida cotidiana, a datificação e a cultura digital como elementos interconectados por processos de mediações socioculturais (principalmente por herança teórica de enquadramentos analíticos oriundos de pensadores como Jesús Martín-Barbero, García Canclini e Orozco Gómez). Você acredita que a academia norueguesa está aberta para ter mais contato com novas perspectivas de pesquisa advindas do Sul Global? Estaria o Programa de Pós-Graduação em Culturas de Tela, por exemplo, interessado em pensar a cultura digital por arcabouços teóricos e abordagens empíricas engendradas por outras realidades como é o caso da América Latina?

Sim, definitivamente sim. E o que você propõe a pensar aqui nestas linhas ressoa muito com meu próprio trabalho. A pesquisa de Martín-Barbero está nas minhas bagagens de leitura, no meu pensamento desde que trabalhei com um colega norueguês, Tore Slaatta, em um curso no qual Tore pediu aos alunos que lessem o capítulo que trata dos processos do Nacionalismo ao Transnacionalismo (da versão em inglês de “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” (Communication, Culture and Hegemony: from the Media to Mediations, 1993 [1991])). E não sou apenas eu no Programa de Pós-Graduação em Culturas de Tela que tem esse desejo de abrir para outras perspectivas: eu sinto a mesma coisa em meus colegas.

[i] Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). Pesquisador do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades), vinculado à UFPR/CNPq, e do GELiDis (Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação), vinculado à ECA-USP/CNPq.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4865-4201>

E-mail: anderlopps@gmail.com